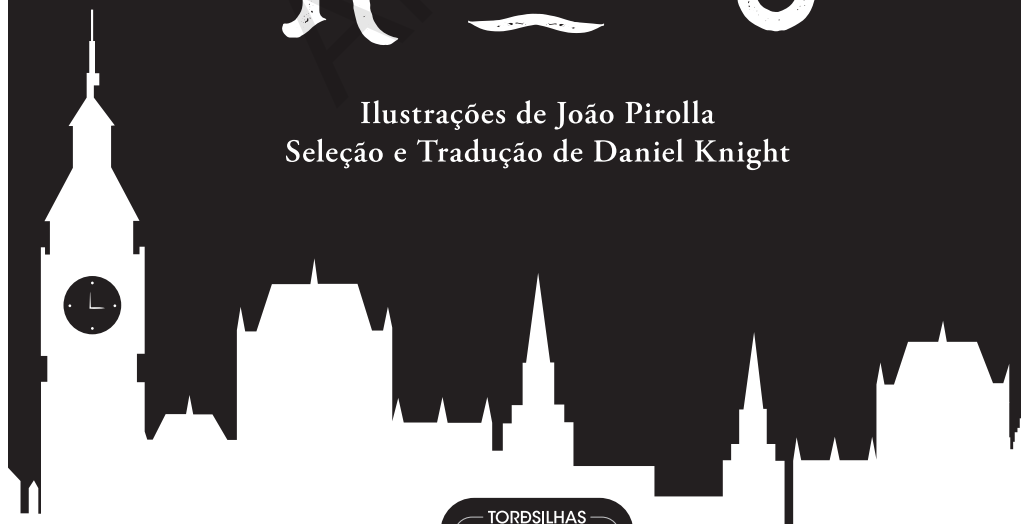


~ Arthur Conan Doyle ~



GRANDES
AVENTURAS
DE
SHERLOCK
HOLMES

Ilustrações de João Pirolla
Seleção e Tradução de Daniel Knight



TORDSILHAS
FABULOUS CLASSICS

Rio de Janeiro, 2023



SUMÁRIO

Por que ler este Clássico?, IX

Prefácio, XIX

Um Escândalo na Boêmia, 1

A Liga dos Ruivos, 29

Os Cinco Carochos de Laranja, 53

O Homem da Boca Torta, 73

O Carbúnculo Azul, 99

O “Gloria Scott”, 121

O Ritual Musgrave, 141

O Intérprete Grego, 161

O Tratado Naval, 181



O Problema Final, 215

A Casa Vazia, 235

Charles Augustus Milverton, 257

Os Seis Napoleões, 275

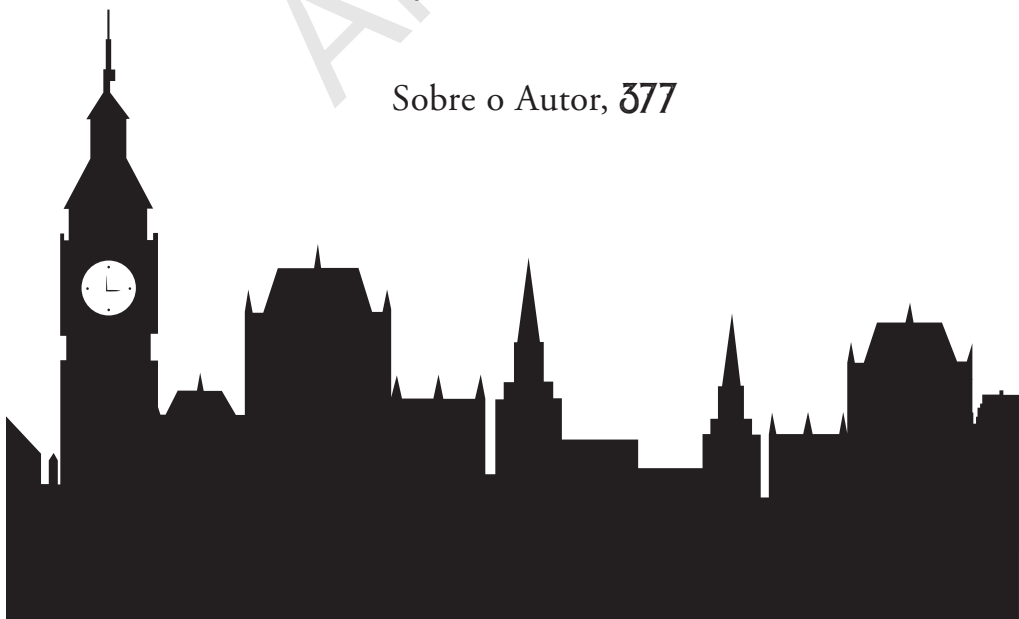
O Detetive Moribundo, 297

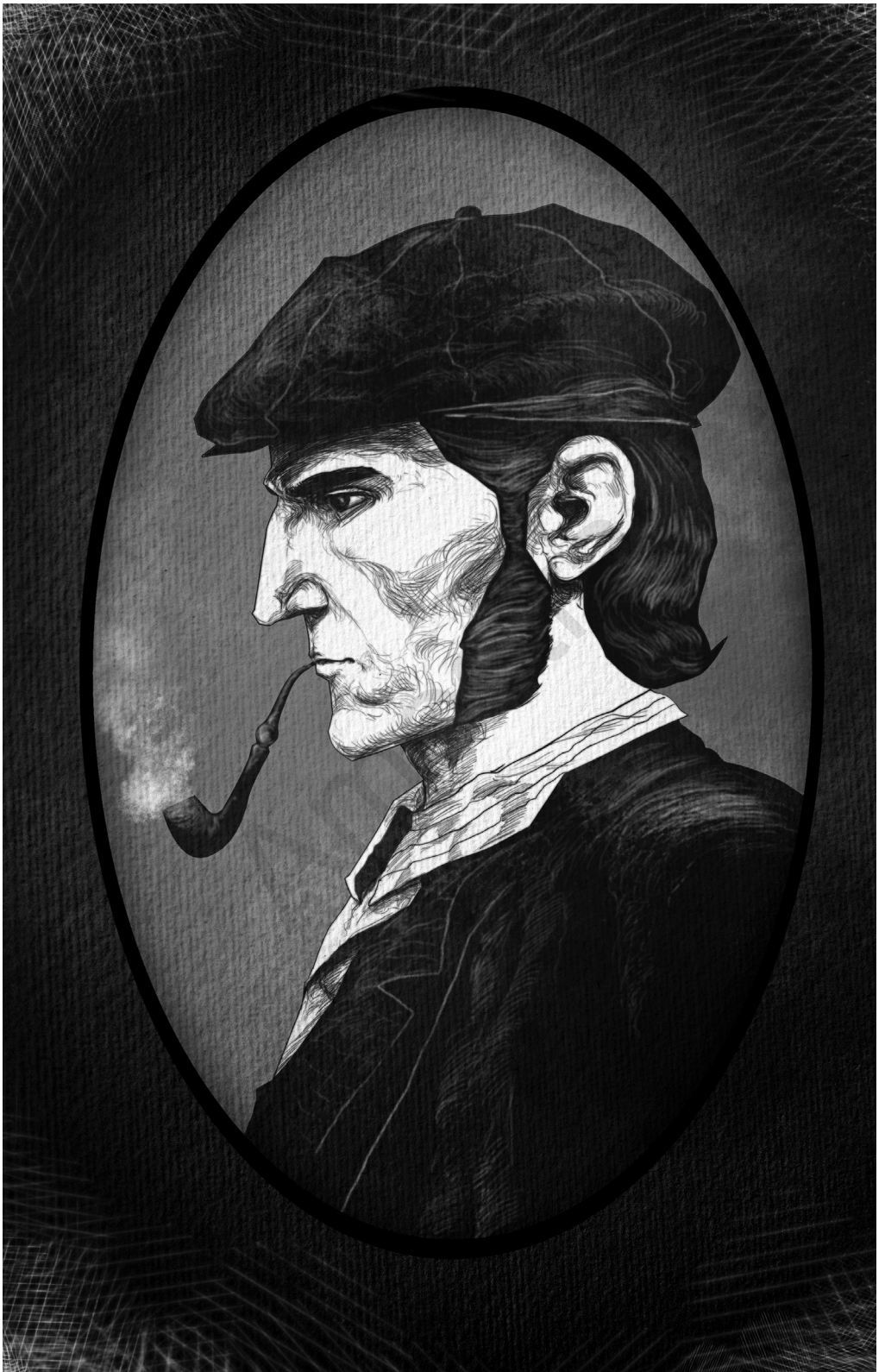
O Soldado Embranquecido, 315

O Vampiro de Sussex, 337

A Juba de Leão, 357

Sobre o Autor, 377







UM
ESCÂNDALO
— NA —
BOÊMIA





Para Sherlock Holmes, ela sempre é *a* mulher. Raras foram as vezes em que ele a chamou por outro nome. Aos olhos dele, ela supera e ofusca todo o sexo feminino. Não que ele sentisse qualquer vislumbre de amor por Irene Adler. Todas as emoções, e aquela em particular, eram repulsivas à sua mente fria, precisa, mas admiravelmente equilibrada. Ele era, no meu parecer, a máquina de raciocínio e observação mais perfeita que o mundo já viu; mas, como amante, não teria sido muito apropriado. Ele jamais mencionava as paixões suaves a não ser com sarcasmo e zombaria. Eram um prato cheio para o observador – excelentes para enxergar por baixo da névoa que cobre os motivos e as ações. Mas, para o pensador treinado, admitir tais intervenções em uma personalidade refinada e metódica perturbaria as ideias e traria incertezas. Rachaduras em uma ferramenta delicada ou um risco nas potentes lentes de aumento não seriam para uma natureza como a dele incômodo maior que uma emoção forte. Ainda assim, havia apenas uma mulher para ele, a falecida Irene Adler, cuja memória é dúbia e questionável.

Holmes e eu nos víamos pouco naquele tempo. Meu casamento nos havia afastado um do outro. Minha enorme felicidade e os interesses domésticos que envolvem o homem que começa a formar uma família foram suficientes para absorver toda a minha atenção; por outro lado, Holmes, que detestava toda e qualquer forma de sociedade do fundo de sua alma boêmia, permaneceu em nossa residência da Baker Street, enterrado entre velhos livros, alternando-se de semana a semana entre cocaína e ambição, o entorpecimento da droga e a energia violenta de sua natureza intensa. Ele continuava, como sempre, profundamente interessado no estudo do crime, e ocupava seu gigantesco dom e sua capacidade extraordinária de observação em seguir pistas e esclarecer mistérios que haviam sido descartados como insolúveis pela polícia oficial. Vez ou outra, eu tinha notícia dos seus feitos: da notificação para Odessa no caso do assassinato Trepoff, da solução para a tragédia dos irmãos Atkinson em Trincomalee e, por fim, da missão que ele havia cumprido com grande cuidado e sucesso para a família real holandesa. Além desses fatos, que eu apenas compartilhava

com os leitores de jornal, eu não sabia quase nada sobre meu antigo amigo e companheiro.

Uma noite – 20 de março de 1888 –, voltando da visita a um paciente (pois eu havia retornado à prática civil), fui levado à Baker Street. Ao passar pela conhecida porta, que na minha cabeça sempre estará associada ao meu namoro e aos incidentes sombrios de *Um estudo em vermelho*, fiquei ansioso e fui tomado pelo desejo de rever Holmes e saber como ele estaria empregando seu talento. Pela janela, notei que a luz do quarto dele estava acesa, e ao olhar para cima pude ver uma silhueta alta e magra passar duas vezes de um lado para outro.

Ele marchava pelo quarto com ansiedade e rapidez, com a cabeça enterada no peito e as mãos entrelaçadas atrás das costas. Para mim, que conhecia todos os seus hábitos e humores, aquele comportamento falava por si. Ele estava trabalhando. Havia despertado do sonho da droga e seguia o rastro de algum problema novo. Toquei a campainha e fui levado ao gabinete que havia sido em parte meu.

Ele não foi efusivo. Raramente era, mas estava feliz por me ver, acho. Sem dizer quase nenhuma palavra, mas com um olhar solícito, ele acenou para a poltrona, atirou-me uma caixa de charutos e indicou uma *spirit case* e um sifão a um canto. Em seguida, ele se colocou diante da lareira e me olhou de cima a baixo com seu jeito peculiar e introspectivo.

– Wedlock lhe faz bem, Watson – comentou. – Acho que você ganhou três quilos e meio desde a última vez.

– Três – respondi.

– De fato, eu devia ter pensado mais. Julgo que só um pouco mais, Watson. E, como posso ver, está de volta à medicina. Você não havia me dito que tinha intenção de voltar à prática.

– Então, como você sabe?

– Eu vejo, eu deduzo. Como eu sei que você se molhou muito ultimamente, e que você tem uma empregada bastante descuidada?

– Meu caro Holmes – respondi –, isso é espantoso. Tenho certeza de que você teria sido queimado na fogueira se tivesse vivido alguns séculos atrás. É verdade que andei pelo campo quinta-feira e voltei para casa em frangalhos; mas, como troquei de roupa, não consigo imaginar como você

percebeu. Quanto à empregada, ela é incorrigível e foi demitida pela minha mulher; mas, de novo, não consigo entender como você descobriu.

Ele deu uma risada abafada de si para si e esfregou as mãos longas e nervosas.

– É muito simples – ele disse. – Meus olhos me dizem que o couro do seu sapato esquerdo tem, bem onde o fogo da lareira está batendo, seis riscos quase paralelos. Sem dúvida, foram feitos por alguém que tentou tirar crostas de lama da sola sem o menor cuidado. Onde, como você pode ver, se originou minha dupla dedução: você saiu com um tempo horrível e tem um espécime particularmente maligno de rasgador de sapatos da criadagem de Londres. Quanto ao seu trabalho, se um cavalheiro entra na minha casa cheirando a iodofórmio, exibindo uma marca preta de nitrato de prata na ponta do indicador direito e uma protuberância no chapéu, que indica onde ele esconde o estetoscópio, eu seria um idiota se não declarasse que ele é um membro ativo da profissão médica.

Era impossível não rir da desenvoltura com que ele explicava os processos de dedução.

– Quando ouço as suas explicações – comentei –, sempre parece tão ridiculamente simples que eu mesmo poderia fazê-las sem dificuldade alguma, embora a cada etapa do raciocínio eu fique perplexo até que você esclareça o processo. E, mesmo assim, acredito que meus olhos sejam tão bons quanto os seus.

– Sem dúvida – respondeu, acendendo um cigarro e jogando-se em uma poltrona. – Você vê, mas não observa. A diferença é clara. Por exemplo, você está acostumado a ver os degraus que ligam o *hall* a este cômodo.

– Estou.

– Quantas vezes você já viu esses degraus?

– Bem, algumas centenas de vezes.

– Então, quantos são?

– Quantos?! Não sei.

– Exatamente. Você não observou. Mas viu. Essa é a questão. Agora, eu sei que há dezessete degraus porque vi e observei. Aliás, já que você se interessa por esses probleminhas, e como você teve a bondade de fazer a

crônica de uma ou duas das minhas experiências triviais, talvez você se interesse por isto.

Ele me passou uma folha grossa de papel de carta pintado de rosa que estava o tempo todo em cima da mesa.

– Veio com a correspondência – ele disse. – Leia em voz alta.

O bilhete estava sem data, assinatura e endereço.

“O senhor será visitado hoje, às quinze para as oito da noite, por um cavalheiro que deseja consultá-lo sobre assunto da maior gravidade. Serviços prestados recentemente a uma das casas reais da Europa mostram que o senhor é daqueles em que se pode confiar quando a importância excede quase todos os exageros. Esta opinião do senhor nós por toda parte recebemos. Esteja então no seu escritório a essa hora e não se aborreça se seu visitante usar máscara.”

– Isso é de fato um mistério – comentei. – O que você imagina que seja?

– Ainda não tenho informações. É um erro capital teorizar antes de ter informações. Sem perceber, o sujeito começa a fazer com que os fatos justifiquem a teoria, em vez de fazer com que a teoria justifique os fatos. O que você consegue deduzir?

Examinei a escrita e o papel com cuidado.

– O homem que escreveu é rico – comentei fazendo o possível para imitar meu companheiro. – Um maço desse papel não custa menos de meia coroa. É estranho, muito espesso e resistente.

– Estranho, eis a palavra – Holmes disse. – Esse papel não é inglês de jeito nenhum. Segure-o contra a luz.

Fiz como ele pediu e vi um *E* maiúsculo com um *g* minúsculo, um *P*, e um *G* maiúsculo com um *t* minúsculo grafados na textura do papel.

– O que você acha? – Holmes perguntou.

– O nome da fábrica, sem dúvida; ou melhor, as iniciais da fábrica.

– Sem dúvida alguma. O *G* maiúsculo com o *t* minúsculo significa *Gesellschaft*, “companhia” em alemão. É uma abreviação comum, como “Cia.”. *P*, é claro, significa *Papier*. Para o *Eg*., vamos dar uma olhada no nosso *Continental Gazetteer*.

Ele tirou um livro marrom pesado da prateleira.

– Eglow, Eglonitz... achamos, Egria. Em um país que fala alemão... na Boêmia, perto de Carlsbad. “Famoso como cenário da morte de Wallenstein e pela grande quantidade de fábricas de vidro e de papel.” Eh, eh, eh, meu rapaz, o que você acha disso?

Os olhos dele brilhavam, e ele soprou uma nuvem azul e triunfante de fumaça do cigarro.

– O papel foi fabricado na Boêmia – eu disse.

– Exatamente. E o homem que escreveu o bilhete é alemão. Você reparou nas construções peculiares das frases? “Esta opinião do senhor nós por toda parte recebemos.” Um francês ou um russo não poderia ter escrito isso. É o alemão que trata os verbos tão mal. Portanto, só nos resta saber qual é o desejo desse alemão que escreve em papel da Boêmia e que prefere usar máscara quando aparece. E aí vem ele, se não me engano, solucionar todas as nossas dúvidas.

Enquanto ele falava, ouvi cascos de cavalo e rodas contra a calçada, e logo em seguida um toque ríspido da campainha. Holmes assobiou.

– Pelo som, é um par – ele disse. – Sim – prosseguiu, espiando pela janela –, uma boa berlinda e um par de belezuras. Cento e cinquenta guinéus por cabeça. No mínimo, há dinheiro nesse caso, Watson.

– Acho que está na minha hora, Holmes.

– De forma alguma, doutor. Não saia daí. Fico perdido sem o meu Boswell. E o caso é promissor. Seria uma pena perdê-lo.

– Mas seu cliente...

– Não se preocupe com ele. Eu posso querer a sua ajuda, e ele também. Aí vem ele. Sente-se na poltrona, doutor, e preste a maior atenção.

Passos lentos e pesados, que ouvimos no topo da escada e no corredor, pararam de frente para a porta. Em seguida, veio uma batida forte e autoritária.

– Entre – Holmes disse.

Entrou um homem que dificilmente teria menos de um metro e noventa e cinco de altura, com o peito e os membros de um Hércules. Estava vestido com tamanha riqueza que, na Inglaterra, esbarrava no limite do mau gosto. Faixas grossas de astracá talhado cobriam as mangas e transpassa-

vam o peito do colete, enquanto o manto azul-escuro que ele trazia sobre os ombros era riscado com seda de cores brilhantes e se prendia ao pescoço por um berilo flamejante que servia de broche. As botas, que se estendiam até metade da panturrilha, adornadas por pele marrom na parte superior, completavam a ideia de opulência bárbara que aquela aparição sugeria. Ele trazia nas mãos um chapéu de abas largas. Usava uma viseira preta que se estendia da testa até um pouco abaixo das maçãs do rosto, e dava a impressão de tê-la colocado naquele momento, pois ainda estava com a mão sobre ela quando entrou. Pela parte inferior do rosto, parecia ser um homem de personalidade forte, com lábios grossos e um queixo grande e liso, indicação de firmeza que beirava a obstinação.

– O senhor recebeu meu bilhete? – ele perguntou em uma voz profunda e ríspida com forte sotaque alemão. – Eu disse que viria.

Ele olhava de um de nós para o outro, indeciso quanto a qual se dirigir.

– Sente-se, por favor – Holmes disse. – Este é meu amigo e colega, o dr. Watson, que de quando em quando faz a bondade de me ajudar. A quem tenho a honra de me dirigir?

– Pode me tratar por conde Von Kramm, fidalgo da Boêmia. Devo entender que esse homem, seu amigo, é honrado e discreto, e que posso confiar nele para um assunto de extrema importância. Caso contrário, devo preferir me comunicar apenas com o senhor.

Eu ia me levantar e sair, mas Holmes me segurou pelo pulso e me empurrou de volta para minha cadeira.

– Fale com ambos ou não vai falar com nenhum – ele disse. – O senhor pode dizer diante deste cavalheiro qualquer coisa que queira dizer a mim.

O conde encolheu os ombros largos.

– Então, vou começar – ele disse –, pedindo que os senhores se comprometam a dois anos de segredo absoluto. Ao fim desse período, a questão deixará de ter qualquer importância. No momento, contudo, não seria exagero dizer que pode influenciar a história da Europa.

– Eu me comprometo – Holmes disse.

– Eu também.

– Perdoem-me pela máscara – nosso estranho visitante prosseguiu. – Meu augusto empregador deseja que seu agente permaneça oculto aos se-

nhores, e devo confessar sem rodeios que o título pelo qual acabo de me identificar não é exatamente meu.

– Eu estava ciente disso – Holmes disse com secura.

– As circunstâncias são extremamente delicadas, e todas as precauções devem ser tomadas para conter o que pode se tornar um escândalo imenso e comprometer uma das famílias reais da Europa. Para ser direto, o problema envolve a grande casa de Ormstein, reis da Boêmia por direito.

– Eu estava ciente disso também – Holmes murmurou, relaxando na poltrona e fechando os olhos.

Nosso visitante olhou com certa surpresa para a figura lânguida e preguiçosa do homem que sem dúvida lhe havia sido descrito como a mente mais eficaz e o agente mais dinâmico da Europa. Holmes abriu os olhos devagar e olhou com impaciência para o cliente gigante.

– Se Vossa Majestade concordasse em expor o caso – comentou –, eu teria melhores condições de ajudá-lo.

O homem saltou da cadeira e marchou pelo quarto numa agitação incontrolável. Em seguida, desesperado, arrancou a máscara do rosto e a atirou ao chão.

– Tem razão – ele gritou –, eu sou o rei. Por que tentar fingir o contrário?

– De fato – Holmes murmurou. – Antes mesmo que Vossa Majestade começasse a falar, eu sabia que estava me dirigindo a Wilhelm Gottsreich Sigsmund von Ormstein, grão-duque de Cassel-Falstein e rei da Boêmia.

– Mas o senhor deve entender... – o estranho visitante disse, e sentou-se novamente, passando a mão pela testa comprida e branca. – O senhor deve entender que não estou acostumado a tratar de tais negócios em pessoa. No entanto, o assunto é tão delicado que eu não poderia confiar em um terceiro sem me colocar nas mãos dele. Vim incógnito de Praga até aqui para consultá-lo.

– Então, por favor, consulte-me – Holmes disse e fechou os olhos mais uma vez.

– Farei um resumo dos fatos. Por volta de cinco anos atrás, durante uma demorada visita a Varsóvia, relacionei-me com a famosa aventureira Irene Adler. O senhor sem dúvida deve conhecer esse nome.

– Faça a gentileza de procurá-la no meu arquivo, doutor – Holmes murmurou sem abrir os olhos. Havia vários anos ele tinha adotado um sistema de registrar notícias, de forma que era difícil mencionar alguém ou alguma coisa sem que ele pudesse fornecer informação instantânea. Naquele caso, encontrei a biografia entre a de um rabino e a de um comandante que havia escrito uma monografia sobre peixes do fundo do mar.

– Vejamos – Holmes disse. – Hum! Nascida em Nova Jersey no ano de 1858. Contralto... hum! La Scala, hum! *Prima donna* da ópera imperial de Varsóvia... sim! Abandonou os palcos... ah! Vive em Londres... certo! Vossa Majestade, se não me engano, se enredou com essa jovem, escreveu algumas cartas comprometedoras e agora quer recuperá-las.

– Exatamente. Mas como...

– Houve casamento em segredo?

– Nunca.

– Não há documentos nem certidões?

– Nada.

– Então não compreendo Vossa Majestade. Caso a jovem queira usar as cartas para chantagem ou para qualquer outro propósito, como ela seria capaz de provar a sua autenticidade?

– Pela caligrafia.

– Puf, puf! Falsificação.

– Meu papel personalizado.

– Roubo.

– Meu lacre pessoal.

– Imitação.

– Minha fotografia.

– Comprada.

– Nós dois parecemos juntos na fotografia.

– Nossa! Isso é muito ruim! Vossa Majestade de fato cometeu uma imprudência.

– Eu fiquei louco, maluco.

– O senhor se comprometeu seriamente.

– Eu era apenas o príncipe herdeiro. Era jovem. Não tenho mais de trinta anos.

– A foto precisa ser recuperada.

– Já tentamos, sem sucesso.

– Vossa Majestade deve pagar. A foto precisa ser comprada.

– Ela não vende.

– Então roube.

– Cinco tentativas já foram feitas. Paguei dois ladrões para revistar a casa dela. Desviamos a bagagem quando ela viajou. Ela já foi assaltada na rua duas vezes. Não funcionou.

– Nenhum sinal da foto?

– Nem o menor sinal.

Holmes riu.

– É um belo probleminha.

– Mas, para mim, é um problema muito sério – o rei respondeu em tom de desaprovação.

– Muito sério, sem dúvida. E o que ela pretende fazer com a foto?

– Destruir a minha vida.

– Mas como?

– Eu estou prestes a me casar.

– Fiquei sabendo.

– Com Clotilde Lothman von Saxe-Meningen, segunda filha do rei da Escandinávia. O senhor deve ter ouvido comentários sobre a rigidez da família. Ela mesma é o refinamento em pessoa. Uma sombra de dúvida sobre o meu comportamento poria fim a tudo.

– E Irene Adler?

– Ameaça enviar a fotografia a eles. E é isso que ela vai fazer. Eu sei. O senhor não a conhece, ela tem uma alma de aço. O rosto da mais bela entre as mulheres e a mente do mais decidido entre os homens. Para que eu não me case com outra mulher, não há limites para ela; nenhum.

– O senhor tem certeza de que ela ainda não enviou a fotografia?

– Tenho.

– Como?

– Ela disse que enviaria apenas no dia do anúncio público do noivado, o que acontece na próxima segunda-feira.

– Ah, então ainda temos três dias – Holmes disse com um bocejo. – É muita sorte, já que tenho um ou dois assuntos importantes para tratar no momento. Vossa Majestade pretende, é claro, permanecer em Londres.

– É claro. Estarei no Langham sob o nome de conde Von Kramm.

– Então lhe enviarei algumas linhas para informá-lo sobre nossos avanços.

– Faça isso, eu lhe imploro. Estarei explodindo de ansiedade.

– Quanto a dinheiro?

– O senhor tem carta branca.

– Completamente?

– Eu lhe daria uma das províncias do meu reino por aquela foto.

– E para os gastos do momento?

O rei tirou uma bolsa pesada de couro de camurça e a deixou em cima da mesa.

– E o endereço de *mademoiselle*?

– Briony Lodge, Serpentine Avenue, St. John's Wood.

Holmes anotou.

– Mais uma pergunta. A fotografia cabe em um porta-retrato?

– Sim.

– Então, uma boa-noite a Vossa Majestade, e acredito que logo teremos boas notícias para o senhor. E boa noite, Watson – ele acrescentou enquanto as rodas da berlinda real desciam a rua. – Se você puder fazer a bondade de aparecer amanhã às três horas, eu gostaria de conversar com você sobre essa questão.

